

# MANIFESTAÇÕES MODERNIZADORAS NO ALTO SERTÃO BAIANO - CAETITÉ (1910-1920)

Paulo Henrique Duque Santos  
Universidade do Estado da Bahia, UNEB, *campus* de Caetité  
pauloduque63@hotmail.com

## Resumo

Este trabalho visa analisar perspectivas modernizadoras de elites locais caetiteenses através de discursos supostamente científicos que tendiam a disciplinar costumes, controlar a proliferação de moléstias e atualizar formas tradicionais de cultivo no alto sertão baiano, nas primeiras décadas da República. Evidenciam-se inconsistências de representações modernizadoras, insólitas em suas pretensões universalistas. Muitos dos escritos desses intelectuais encontram-se dispersos por “folhas” do sertão, em especial no jornal “A Penna”, do qual foram assíduos colaboradores. Nele puderam expressar muitas das suas opiniões sobre a realidade social do sertão, marcadas pelas preocupações do seu distanciamento da modernização em curso no país. Atentos aos ordenamentos anunciados na República pareciam interessados por mudar os modos de vida tradicionais e lançar o sertão de Caetité à seara de uma modernidade, muitas vezes sob valores transportados de lugares estrangeiros, “civilizados”, estranhos às circunstâncias locais. Documentar outros desdobramentos das representações modernizadoras no alto sertão contribui de diversos modos para repensar representações sociais, políticas e culturais acalentadas no Brasil ao longo do século XIX e que parecem encontrar no tempo da República a sua chance de melhor florescer.

## Palavras-chave

modernidade. alto sertão baiano. Brasil República

“Actualmente tendem todos os povos ao cosmopolitismo e, no STRUGGLE FOR LIFE moderno, exige a civilização que procuraremos atingir, quanto possível, as fronteiras da ubiquidade.”<sup>1</sup> O anseio ao cosmopolitismo, o desejo de “estar em toda parte ao mesmo tempo”, penetrou o nosso vasto território, manifestando-se de modo singular em várias partes do Brasil, na emergência da República. Ecos dessa modernidade percorreram o alto sertão baiano<sup>2</sup>, que se mostrou acanhado e “provinciano” para assimilar, sem resistências, seus novos ritmos.

---

<sup>1</sup> Meios de Transporte. *A Penna*, anno III, n. 59, abr. 1914, p. 1 (grifo do autor). O Jornal A Penna, editado no município de Caetité, circulou entre os anos de 1897 e 1943. De publicação quinzenal, se dizia o “orgam dos interesses commerciaes, agricolas e civilizadores do alto sertão”. Era impresso na Typographia d’A Penna, de propriedade de João Antonio dos Santos Gumes, jornalista, romancista e dramaturgo, que exerceu os cargos de escrivão, coletor estadual e federal, secretário e tesoureiro da Intendência Municipal. Atuou em diversos governos municipais. Como afirmou em 1912, esteve “[...] desde 1889 intimamente ligado ao serviço e negocios municipaes; assistiu, n’ella collaborando, a reorganisação do municipio após a Republica e vio a evolução e melhora de tudo isso acompanhando-as dia a dia”. A proposito de K. Martello. *A Penna*, anno I, n. 23, nov. 1912, p. 1. Com a sua morte em 1930, o jornal circulou sob a direção do seu filho Sadi Gumes.

<sup>2</sup> O alto sertão da Bahia, região em que se situa a cidade de Caetité, localiza-se entre a Serra Geral e a Chapada Diamantina e define-se pelas suas altitudes elevadas e posição frente a bacia do rio São Francisco, na Bahia (NEVES, 1998, p. 22). Constitui-se em “[...] extensa região com particularidades nos seus aspectos físico, econômico, social e cultural” (PIRES, 2003, p. 19).

Nas primeiras décadas do século XX, membros da elite intelectual caetiteense ocuparam-se do progresso econômico, político e social de sua região.

Formados na Faculdade de Direito de Recife, em Pernambuco, na Faculdade de Medicina de Salvador, na Bahia, em escolas de Letras da região, e mesmo autodidatas, buscaram cercar-se de idéias e técnicas que objetassem o acanhamento dos modos de ser e de viver no alto sertão da Bahia. Aqueles formados na chamada “Escola de Recife” tiveram decisiva influência de idéias do positivismo de Comte, do transformismo de Darwin, do evolucionismo de Spencer, do intelectualismo de Taine e Renan.

Destacam-se, dentre outros, José Antônio Gomes Neto (Barão de Caetité), Joaquim Manoel Rodrigues Lima (médico, Intendente municipal e Governador do Estado da Bahia), João Antônio dos Santos Gumes (autodidata, professor, escritor e editor do jornal A Penna, Secretário amanuense e Coletor estadual), Marcelino José das Neves (pedagogo, professor e escritor, Delegado escolar da circunscrição de Caetité), Deocleciano Pires Teixeira (Intendente municipal), Anísio Spínola Teixeira (educador e escritor, Secretário nacional de ensino), Aristides de Sousa Spínola (formado em direito, Governador da província de Goiás e Deputado do Congresso Nacional), César Zama (médico e escritor, Deputado Provincial).

Com suas perspectivas modernizadoras, adquiridas no contato com os estudos científicos e técnicos do período, propuseram reformas dos modos tradicionais de produção na agricultura e dos métodos de sanitarismo:

Entre projeções futuristas e revalorizações do passado, escritores do Brasil na passagem do século tentavam fazer o que o modernismo, depois, adotaria como programa: redescobrir o país. Confiança extrema no progresso técnico ou consciência das heranças que pesavam em nosso desconcerto nacional, eis as duas visões que conviviam num mesmo dilema (HARDMAN, 2001, p. 289).

Os seus estudos e observações, publicados em jornais, pequenos cadernos ou na literatura romântica, revelam muito do meio social em que viviam. Dias (2005, p. 40) observa, em seu estudo sobre a mentalidade de uma geração de intelectuais brasileiros que participou da Independência, que

Suas atividades de pesquisa e de exploração, desvendando o interior do Brasil e procurando inovações para o seu progresso material, têm um cunho prático muito peculiar do meio e do momento histórico em que viviam e, por isso, oferecem um interesse mais específico para o estudo das origens de uma cultura brasileira [...]

Muitos dos seus escritos encontram-se dispersos por “folhas” do sertão e carecem de um trabalho de pesquisa que os reúna para uma história social das ideias. Algumas de suas memórias

acham-se publicadas nos jornais da região, em especial no jornal *A Penna*, do qual foram assíduos colaboradores. Nele puderam expressar muitas das suas opiniões sobre a realidade social do sertão, marcadas pelas preocupações do seu distanciamento da modernização em curso no país:

Falta-nos tudo. Achamo-nos assediados. Habeas corpus.

Já dissemos repetidas vezes que a principal causa do atrazo destas altas, absconditas e tão calumniadas regiões do sertão da Bahia é a deficiência de meios de transporte. Poderíamos dizer falta em lugar de deficiência; mas, attendendo a que ainda dispomos dos ronceiros e degenerados solipedes [...] e do archaico carro de duas rodeiras inteiriças arrastados pachorrentamente por bovinos fanados o qual só transita as estradas planas; concedemos que não sejam nullos os nossos meios de conducção de mercadorias e viajantes.

N'estas alturas vemo-nos privados, por mezes e mezes, das mercadorias de importação de mais urgente e instante necessidade, as quaes, pedidas em tempo, jazem accumuladas, apodrecendo, perdendo-se, vasando, nos trapiches de S. Felix e não sabemos mais onde. O nosso commercio brama, é altamente prejudicado, não só pelos lucros cessantes, como pelo empate dos seus capitaes e pelos damnos directos que advêm aos negociantes importadores. Falta-nos tudo e tudo temos encalhado pelos caminhos. Os tropeiros permanecem na Estação de M. Portella vinte e mais dias aguardando a chegada de volumes [...] E digam que isso não é desanimador! Que não temos em perspectiva um futuro terrivel, a andarmos por esse caminho!

Vê-se, pois, que a nossa situação as raias da penuria, é premente, angustiosa, afflictiva [...] E talvez riam-se de nós aquelles que acham-se cercados de todo o conforto; de nós, pobres tabaréos que temos a velleidade de desejar o luxo de uma estrada de ferro. As nossas necessidades crescem com o augmento da população e já era tempo de sermos servidos por todos os lados por boas vias de transporte. E como nós os tabaréos também somos brasileiros, é o caso de lançarmos mão do recurso que está em moda: - um pedido de habeas corpus, para o qual esperamos deferimento de quem de direito.<sup>3</sup>

Imagens das ambiguidades e desencontros dos modernistas e do modernismo da passagem do século XIX para o XX, expostas em Hardman (2001, pp. 292-293), flagram processos culturais ocultados por modelos de interpretação que releram o passado cultural do país sob as lentes do movimento de 1922. Perdeu-se, com isso, a possibilidade de interpretação de outras temporalidades socioculturais, políticas e regionais também inseridas na modernidade. Enfatiza o autor alguns dos temas expostos em *Canaã* (1902), de Graça Aranha, que permaneceriam por muito tempo na cultura e sociedade brasileiras:

<sup>3</sup> Situação angustiosa. *A Penna*, anno III, n. 62, jun. 1914, p.1. A tropa de burros foi por muito tempo o único meio utilizado no alto sertão para o transporte de mercadorias e pessoas a longas distâncias: “As tropas de mulas desempenhavam um papel indispensável ao comércio regional e muitos escravos sertanejos participavam, ao lado de trabalhadores livres, dessa atividade [...] Tais tropas foram constituídas por mulas e jumentos, alimentados com rapadura e milho quebrados, que os sustentavam, fazendo-os resistir às longas distâncias. A partir de fins do século XVIII, a feira de muares de Sorocaba-SP abasteceu a região, tornando-se um grande centro abastecedor para suas tropas.” (PIRES, 2003, pp. 38-39). Há registros, em 1955, da circulação de tropas pelas ruas da cidade de Caetitê. O uso do carro de boi ainda hoje é comum na zona rural e serve aos pequenos lavradores e suas famílias, principalmente nos dias de feira, para o transporte dos produtos da roça e para inteirar-se das notícias e novidades da cidade. Dados censitários indicam que em 1945 o município possuía 15 veículos movidos a motor e 1.272 movidos a tração animal. A quantidade de carros movidos por força animada correspondia a 5,31% do total deste transporte no Estado da Bahia, um número significativo se comparado aos de veículos a motor (0,35%) e da população do município (0,86%). Os resultados estatísticos dos transportes são de 1945 e os resultados censitários de 1940. *Sinopse Estatística do Município de Caetitê. Estado da Bahia*. IBGE, Rio de Janeiro, 1948.

[...] a oposição campo/cidade; a indeterminação dos limites extremos das fronteiras econômicas e civilizacionais da nação; os conflitos raciais, a herança da escravidão e os efeitos da imigração estrangeira; a exploração predatória e o arruinamento precoce das paisagens; a contradição entre nacionalismo e cosmopolitismo; os choques de temporalidades adversas, bem expressas pelo antagonismo entre a comunidade rural de pequenos produtores (lugar da solidariedade utópica fundada no trabalho cooperativo, na igualdade entre pares e num misticismo vitalista que faz o elogio da terra germinadora) e a sociedade nacional (lugar do Estado legal-burocrático moderno, detentor do monopólio do uso da violência).

Talvez por força da conjuntura nacional e internacional os intelectuais do alto sertão tenham sido compelidos a atuar no cenário político e social da sua região no interesse de acompanhar os processos de mudança em curso:

Lá pelos felizes Estados, dia a dia, são diminuídas as distancias assombrosamente e dá-se em poucas horas, atravez de centenares de leguas, o intercambio das mercadorias de indispensável uso diário, sendo aproveitadas todas as vantagens de um crescente commercio.<sup>4</sup>

Referindo-se sobre a literatura na transição dos séculos XIX e XX, Sevcenko (2003, p. 287) nota que os fenômenos históricos em curso se reproduziram no campo das letras e geraram uma inquietação na produção artística, voltada para os processos de mudança, sua intensidade, desmandos e condução: “Era em grande parte uma literatura encampada por homens de ação, com predisposição para a liderança e a gerência político-social: engenheiros, militares, médicos, políticos, diplomatas, publicistas”.

Como homens do seu tempo, estiveram ligados “ao serviço e negocios municipaes” e ocuparam variados cargos públicos para “colaborar” com a reorganização do município, ou mesmo, do Brasil republicano. Ao tratar da participação dos intelectuais na política brasileira, Pécaut (1998, p. 21) considera que:

Nos anos 20, eles reivindicavam uma ciência do social: poderia tratar-se de uma artimanha para serem ouvidos pelos governantes, mas uma grande parte das elites achava-se obsedada pela crença de que esta ciência poderia fundamentar uma administração científica dos homens e da natureza [...] sua politização não foi um pretexto para promover interesses próprios, mas, antes de tudo, expressava sua conversão à ação política.

Atentos aos ordenamentos anunciados na República pareciam interessados por mudar os modos de vida tradicionais e lançar o sertão de Caetité à seara de uma modernidade, muitas vezes sob valores transportados de lugares estrangeiros, “civilizados”, estranhos às

<sup>4</sup> Situação angustiosa. *A Penna*, anno III, n. 62, jun. 1914, p.1.

circunstâncias locais. Como afirma Hardman (2001, pp. 293-294), a velocidade das mudanças tecnológicas impactou sobremaneira a vida cotidiana:

Entre os sinais mais perceptíveis das mudanças, encontra-se a aceleração do ritmo das trocas materiais e simbólicas, a velocidade crescente que o processo internacional de inovação e transferência de técnicas – das velas e canhões do período da conquista colonial ao vapor e eletricidade do século XIX – desencadeou na vida cotidiana.

O atraso técnico na agricultura de subsistência e nas grandes lavouras, as secas e a infixidez do sertanejo pobre, que marcaram a conjuntura do alto sertão naquele período, foram amplamente discutidos por autoridades públicas e membros da elite intelectual:

Si fossem fundados largos estabelecimentos agricolas, e ahi empregados os capitaes pecuniarios que existem entre nós, quanto não melhorariam as nossas condições! O proletario, affeito ao jornal, encontrando trabalho, fixar-se-ia, o commercio floresceria assim como todas as artes liberaes; seriam desbravados os caminhos que conduzem a um seguro progresso e enriquecimento. O jornaleiro não mais sentiria essa necessidade imperiosa de emigrar para o Estado de S. Paulo, onde vae encontrar aquillo de que carecem aqui: - a direcção e tutela que actualmente é-lhe tão necessaria e urgente para a sua instrucção. Só assim serão eliminadas as causas do nosso atrazo e miseria.<sup>5</sup>

As levadas de migrantes das cidades vizinhas, das roças, arrabaldes e arraiais geravam uma intensa movimentação e atividades. Esses migrantes traziam costumes de um tempo que os estudiosos engajados na modernidade buscavam suprimir:

Digam o que quizerem, o ponto de apoio do progresso é a moralisação dos costumes.<sup>6</sup> Não busquemos a causa da decadencia e quasi extincção da nossa lavoura no solo, nas aguas ou nos phenomenos metereologicos; mas no que mais intimamente se liga á ethica ou, antes, á ethogenia.<sup>7</sup>

A cidade de São Paulo, pela sua expansão industrial, constituiu-se em centro de atração pelas promessas de acesso ao “trabalho fácil” e ao “ganho rápido de dinheiro”:

Que nos dêem a trama ferroviaria de S. Paulo e a sua corrente immigratoria e ver-se-a quanto vale a Bahia. Quem diz que a nossa pobre gente não é attrahida pelas narrativas de um Messer Millione qualquer? Influe mais para o exodo dos bahianos a curiosidade, a esperanza de prompto enriquecimento. Muitos têm vendido os seus gados, as suas terras, lavouras e situações, onde viviam tranquilla e commodamente para, com esses recursos pecuniarios, emprehenderem a longa e extenuante viagem em busca do Eldorado [...] <sup>8</sup>

<sup>5</sup> A Lavoura: Causas do seu atrazo. *A Penna*, anno II, n. 29, fev. 1913, p.1.

<sup>6</sup> Nossa situação. *A Penna*, anno II, n. 35, mar. 1913, p. 1.

<sup>7</sup> A Lavoura: Causas do seu atrazo. *A Penna*, anno II, n. 29, fev. 1913, p.1.

<sup>8</sup> Emigração. *A Penna*, anno II, n. 36, maio 1913, p.1. Messer Millione era o cognome dado a Marco Polo.

Essa tentativa de inserção nos padrões sociais da modernidade caminhava *pari passu* com a mudança de hábitos e costumes cotidianos identificados ao passado arcaico do país:

Na perspectiva da vida privada, o advento da República viria proclamar, inicialmente, uma atitude de repúdio difuso à vida rotineira e aos arcaísmos, que seriam a própria negação do progresso, como forma de os indivíduos desamarrarem-se dos modos provincianos e das sociabilidades causadas pela sociedade escravista (SALIBA, 1998, p. 292).

Para eliminar as práticas costumeiras ligadas às superstições e crenças, que atribuíam à “vil ignorância das raças” que compuseram a formação social brasileira, iniciaram uma cruzada em defesa dos métodos progressistas da medicina moderna que inovaram a higiene pública e aperfeiçoaram políticas sanitárias.<sup>9</sup>

No salão nobre da Casa de Câmara e Cadeia, na noite de 10 de maio de 1923, sob a assistência de uma platéia letrada, os doutores Henry MacCall e Felipe Lande proferiram uma conferência sobre o “*Hookworm*”, também conhecido como “Uncinaria”, e no Brasil como o verme causador do “Amarellão”: “O verme é visível a olhos nus, mas os seus germens só podem ser vistos a olhos armados”, asseveraram os doutores. Todos foram orientados sobre as formas de transmissão da doença e os métodos mais convenientemente aplicados para a sua prevenção e cura. Mas como o verme era transmitido por excretos humanos, a única maneira de extirpar a endemia era “[...] ocultar os excretos de maneira que não sejam visitados pelas moscas ou esterilizar-os por meio de uma rigorosa antiseptia”. Declararam ser conveniente o uso de latrinas e cavas, com tampa ou assento que evitassem o contato das moscas, e se aplicasse a cal virgem em pó como antisséptico; as “latrinas portateis em latas” deviam ser higienizadas com querosene; nas roças, as defecções deviam ser feitas nos lugares “ocultos” e distantes das estradas ou, preferencialmente, devia-se enterrar os dejetos. Ao final, formou-se uma comissão com a participação do Juiz de Direito, do Coronel Lima Junior e do Major Antonio Neves, representantes da Intendência municipal, para “levantar-se uma cruzada contra o amarellão para o bem do individuo e da sociedade”.<sup>10</sup>

Um ano antes, o parisiense Max Leuret havia estado em Caetité, cursava o quinto ano de medicina e vinha financiado pela “*Societè Union Montmartreause*”, quando percorreu os Países Ibéricos, a África e a América do Sul. Em passagem pela pequena cidade do sertão, proferiu solene conferência, onde dedilhava, a olhos atentos e curiosos de autoridades e populares, suas “incursões científicas” pelos continentes do mundo. O “Sr. Max”, segundo o jornal *A Penna*, observou que o alto sertão era uma região rica, com oferta de trabalho, mas que “carecia de

<sup>9</sup> Superstições e credices. *A Penna*, ano III, n. 65, out. 1942, p. 1.

<sup>10</sup> *Hookworm*. Verme do amarellão. Conferencia do Dr. Lande. *A Penna*, anno II, n. 36, maio 1913, p. 4.

método”. Indicou aos assistentes a “abandonar a velha rotina, os antigos métodos de trabalhos introduzidos pelos portugueses” e convidou a todos a “avançar nos domínios do progresso”.<sup>11</sup> Há, nessa passagem, a noção cartesiana de método como tábua de salvação, e não seria demais lembrarmos aqui de um complemento perfeito: “da lavoura”. A questão de métodos para o desenvolvimento da agricultura foi também objeto de análise de Sérgio Buarque de Holanda (1995, p. 52): “os métodos que puseram em vigor no Brasil não representam nenhum progresso essencial sobre os que, antes deles, já praticavam os indígenas do país”. De fato, persistiriam por muito tempo, os processos rudimentares de exploração da terra introduzidos pelos portugueses.

Atentos aos avanços da medicina moderna, esses estudiosos de Caetité partilharam com seus leitores os novos estudos científicos sobre moléstias e outros riscos à saúde pública.

Observava João Gumes, editor do jornal *A Penna*, em uma matéria que descrevia com detalhes o livro “A defesa contra o ophidismo”, de autoria do doutor Vital Brazil, os avanços obtidos em São Paulo com a prevenção e tratamento dos envenenamentos provocados pelas cobras e outros animais:

Com largas e comprovadas observações; é o estudo de que nos ocupamos um amplo e rico escriptorio de originaes preciosidades que põem em relevo, qual mais brilhante, o preparo intellectual do Dr. Vital Brazil, a sua competencia, o seu altruismo e a sua louvavel perseverança no tenacissimo empenho de dar remedio ao perigo do ophidismo, de combater as grosseiras credices do vulgo [...]<sup>12</sup>

Destaca o escritor o “sentido premonitorio que traz sempre em alarma a numerosa classe pensante” para os métodos sanitaristas de identificação dos focos potenciais de surgimento e propagação das enfermidades, sempre aplicados com “sucesso” nos principais centros urbanos do país. Lamentava o editor do jornal que em Caetité as autoridades esperavam que o “mal se aproximasse” para a adoção de medidas de controle.

E para ser ainda mais útil ao progresso da cidade propõe: “Oxalá o nosso Estado, que em tudo tem sempre andado n’um regresso de lastimar tomasse a iniciativa de fundar um instituto igual, estabelecendo um PENDANT com o seu nobre irmão do sul!”<sup>13</sup>

Achavam-se, de certa maneira, convictos de seu papel auxiliar na reconstrução da sociedade brasileira após a República, e nela buscaram colaborar com as suas ideias racionalistas, com a participação ativa nas funções públicas, para que “se apaguem as fronteiras tradicionais entre o homem de letras e o homem de ação, entre o escritor profissional e o homem

<sup>11</sup> Max Leuret. *A Penna*, anno I, n. 8, abr. 1912, pp. 1-2.

<sup>12</sup> Instituto de Butantan. *A Penna*, anno II, n. 31, mar. 1913, p. 1.

<sup>13</sup> *Loc. cit.* (grifo do autor).

público e entre o artista e a sua comunidade” (SEVCENKO, 1983, p. 232 apud PÉCAUT, 1998, p. 24).

Encontram-se nos trabalhos práticos e nos estudos pragmáticos desses intelectuais do alto sertão os sinais mais concretos de uma acentuada preocupação com a realidade social que vivenciavam e que pareciam interessados em transformar: “Séria e merecedora dos cuidados d’aquelles que dirigem a sociedade, é a questão da agricultura em todos os seus ramos. Essa industria é a alma mater de todas as outras, o sustentaculo do commercio e da prosperidade de um povo”.<sup>14</sup>

A tendência pragmática das incursões desses estudiosos pelos problemas econômicos da região deveria resultar em alguma utilidade para o meio em que viviam:

o que são as nossas engenhocas sertanejas?  
São, já o dissemos, pesadas e rudimentares machinas que os rusticos movem a custo de muito trabalho. O lavrador fabrica somente raspaduras, porque obtêm o producto mais promptamente e tem necessidade urgente de liquidar o seu negocio para pagar as despesas da cultura e da sua mesquinha fabricação.<sup>15</sup>

Esse pragmatismo revela o quanto estavam inseridos em seu meio social, um traço presente, sobremaneira, na importância atribuída à agricultura em seus estudos e incursões pelo sertão adentro. O devassamento das matas do sertão permitiu a esses exploradores acumular um conhecimento que consideravam fundamental à mudança das maneiras de produzir nos sítios, roças e fazendas, e remediar o acanhamento da produção nessas lavouras:

Ora, é conhecidissima a variedade da composição chimica, da altitude e da disposição do territorio d’esta zona. A região serrana, alta, humida e fria é muito propria para a cultura das plantas tuberosas, do café, de certas leguminosas e da canna de assucar, que encontram grande procura na região baixa, quente e secca das catingas que demoram entre os ultimos contrafortes da serra e o S. Francisco e que são improprias a essas culturas.

Por sua vez esse extenso, baixo e quente valle, em cujo solo esbranquiçado predomina o elemento calcareo, é o rico productor do algodão, das riquissimas pastagens, do arroz de primeira qualidade e outras culturas que n’aquell’outra região não se desenvolvem perfeitamente. Entre a região serrana, - os GERAES, como é vulgarmente chamada, e o valle extenso, há uma larga faixa constituída pelos contrafortes da serra, a qual é de terreno roxo muito carregado de oxido de ferro e manganez e que, em sua constituição chimica adapta-se perfeitamente ao plantio do milho, do fumo e das pomaraceas.

Existem valles baixos e quentes no lado oriental da serra, em tudo iguaes, pela conformação e composição chimica do solo, ao valle do S. Francisco, porem mais estreitos por serem cortados de ramificações do grande systema orographico e porque a serra Geral, formando um angulo relutante por esse lado, existe ahi uma larga região de terra roxa de uma riqueza e propriedade inexcediveis para todas as culturas.

<sup>14</sup> O fogo. *A Penna*, anno III, n. 72, nov. 1914, p.1.

<sup>15</sup> Engenhocas. *A Penna*, anno II, n. 42, ago. 1913, p.1.



Os terrenos de carrascos, catingas, mattas e variedade d'esse systema de vegetação, se intermeiam, se cruzam, se confundem de tal sorte, que o agricultor só tem que escolher a variedade de cultura que mais lhe agrade.<sup>16</sup>

Os seus trabalhos deveriam orientar para a penetração no alto sertão de métodos agrícolas atualizados e técnicas aperfeiçoadas, condição essencial à utilização das novas oportunidades econômicas surgidas na conjuntura nacional e internacional: “O economista o mais bisonho sabe que para que haja prosperidade em um paiz, é necessario que elle disponha de uma cultura ou industria especial que vá buscar a sua valorisação no intercâmbio e no commercio internacional”.<sup>17</sup> Consistiria essa prática no fio condutor do progresso, do desenvolvimento do comércio e da civilização, conforme assevera **João Gumes, secretário amanuense do Conselho municipal:**

Quando, em todos os paizes cultos, em outros Estados da União Brasileira, mesmo em outras zonas do Estado da Bahia, todas as vistas se voltam para a industria agricola, considerada em todos os tempos o fulcro da prosperidade e riqueza de um povo; n'estas altas regiões do sertão e especialmente no Districto de Caeté, é o de que menos se cogita. De alguns annos a esta parte vae gradativa e evidentemente cahindo em abandono entre nós a poetica e encantadora industria que sempre foi o objecto dos maiores desvelos dos povos por mais atrazados que fossem; que, no seu despontar, foi considerada como o primeiro passo no caminho do progresso; que formou as cidades, o commercio; que, emfim, estabeleceu os fundamentos da civilisação.<sup>18</sup>

Ao voltar-se para tratar sobre a melhoria da produção, o competente secretário do Conselho considerava vital o manuseio racional da terra: a aplicação de técnicas de rotatividade do plantio nas roças e fazendas, a substituição da força de trabalho “indolente” por imigrantes “afeitos à riqueza”, o conhecimento e devassamento da terra e das matas da região:

Vê-se, pois, que a permuta de productos agricolas abre n'esta zona um vasto campo á especulação intelligente e ao trabalho consciencioso [...] Quando outros elementos ethnicos nos vierem pelas vias de transporte que dia a dia avançam para nós; quando forem conhecidas as grandes riquezas que guarda o nosso solo, o que não pode agora conseguir uma geração que não ama o seu torrão natal e que se acobarda, conseguirá o adven laborioso incitado pela ambição e illuminado por uma melhor comprehensão do que é a nossa natureza, do que dispomos fartamente para a elaboraçon da nossa riqueza economica e para o nosso engrandecimento.<sup>19</sup>

Esses “homens das letras” pareciam acumular em suas observações roupantes um conhecimento vasto dos avanços tecnológicos que se desenvolviam pela mesma época em todo o “mundo civilizado”, com influências sobre os modos de pensar dessa elite caetiteense:

<sup>16</sup> A Lavoura: Há probabilidade de um futuro prospero entre nós? *A Penna*, anno II, n. 31, mar. 1913, p. 1 (grifo do autor).

<sup>17</sup> Ibid.

<sup>18</sup> A Lavoura – seu estado actual. *A Penna*, anno II, n. 28, jan. 1913, p. 1.

<sup>19</sup> A Lavoura: Há probabilidade de um futuro prospero entre nós? *A Penna*, anno II, n. 31, mar. 1913, p. 1.

Mais de uma vez patenteamos a virtualidade dos elementos dos nossos futuros progresso e opulencia, e que apenas faltam-nos- uma severa educação do proletariado, em ordem a ser radicado em nosso meio o habito de melhores e mais consentaneos methodos de trabalho; uma boa distribuição da propriedade territorial; mais serias garantias aos direitos da população rural; faceis meios de transporte que dêem elasterio ás operações commerciaes e valorisação aos productos agricolas e aquisição de aperfeiçoados instrumentos que facilitem o trabalho.<sup>20</sup>

Mas essas manifestações modernizadoras das elites intelectuais do alto sertão e suas preocupações em civilizar a sua terra mantiveram a hierarquia social e a noção de que o ingresso dos lavradores pobres, jornaleiros e operários aos sentimentos do mundo moderno far-se-ia pela sua intervenção. Noção bem adequada à consciência das elites intelectuais brasileiras de “civilizar por cima” (PÉCAUT, 1998, p. 39):

[necessário] que se educasse o povo, que se lhe incutisse no animo habitos de ordem, gosto artistico, propensão para o asseio, e sabemos todos quanto difficil é remover maus habitos do seio de um povo.<sup>21</sup>

Entre nós, porém, está essa rica fonte de felicidade [a agricultura] entregue ás classes que menos comprehendem a importancia do trabalho no campo, que menos criterio dispõem para methodisal-o, dirigil-o e aperfeiçoal-o; que, mais pobres, não podem afastar-se da rotina.<sup>22</sup>

Documentar outros desdobramentos das representações modernizadoras no alto sertão contribui de diversos modos para repensar representações sociais, políticas e culturais acalentadas no Brasil ao longo do século XIX e que parecem encontrar no tempo da República a sua chance de melhor florescer.

### Referências:

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005.

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernistas. In: *Tempo e História*. Companhia das Letras, 2001. pp. 289-305

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio (um estudo de história regional e local)*. Salvador: UFBA/UEFS, 1998.

<sup>20</sup> Clama ne cesses. *A Penna*, anno III, n. 55, fev. 1914, p.1.

<sup>21</sup> A proposito de K. Martello. *A Penna*, anno I, n. 23, nov. 1912, p. 1.

<sup>22</sup> A Lavoura: Causas do seu atrazo. *A Penna*, anno II, n. 29, fev. 1913, p.1.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1998.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. *O crime na cor: escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830-1888)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

\_\_\_\_\_. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio*, 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 289-365

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.